

Que futebol o que...o Rugby no 9º Ano na Escola de Aplicação FEUSP.

Ronaldo dos Reis

Escola de Aplicação da FEUSP

Resumo

No ano de 2016, as turmas de 9º ano do ensino fundamental da Escola de Aplicação FEUSP durante o mapeamento demonstraram muito interesse em conhecer a prática corporal Rugby. Nas primeiras conversas, parte da turma, ao se mostrar interessada em estudar o futebol, teve como oposição grande parte do grupo que se mostrou contrária e elegeram como tema de estudo o rugby. Sob as orientações dos princípios do currículo cultural as vivências corporais e atividades propostas foram direcionadas para a compreensão dos conhecimentos da turma em relação à prática corporal, problematizou-se a construção da identidade na Nova Zelândia como no Brasil com o futebol o entendimento do rugby como paixão nacional, bem como o crescimento dos espaços de prática no Brasil em espaços como o da Universidade de São Paulo principalmente com as atléticas das diferentes unidades no campus, onde também está localizada a Escola de Aplicação.

No ano de 2016, durante o mapeamento com as turmas de 9º ano do ensino fundamental da Escola de Aplicação FEUSP, fizemos o levantamento das práticas corporais estudadas até o momento. Uma parte do grupo dos estudantes, reivindicaram que abordássemos o tema futebol durante as aulas, o que, ao analisarmos durante nosso levantamento dos anos anteriores não teria sido contemplada nos anos anteriores. Segundo o levantamento e a fala dos estudantes, no 7º ano tiveram vôlei e não houve outra possibilidade de realização ou estudo de futebol para além da realização dos jogos internos da escola. No 8º Ano foi desenvolvido o tema Basquete, o que apesar de indicarem como um caminho bem positivo não contemplou o dialogo realizado no início do ano letivo de 2015.

Na Escola de Aplicação a partir do projeto pedagógico é acordado entre os professores que as aulas durante o ano letivo devem permear praticas corporais categorizadas como danças, ginásticas, jogos (o que contempla em linhas gerais brincadeiras e esportes) e nesse último caso estava à reivindicação de alguns estudantes. Porém diante das argumentações uma das falas acabou mudando a direção de nossos

olhares para definir as práticas corporais que serviriam de temas nesse ano. “Que futebol o que, vamos jogar Rugby!”

Com essa afirmação, mudamos a direção de nossa conversa, onde alguns estudantes desconhecendo a prática corporal perguntaram sobre as características, perguntaram sobre como faríamos pra jogar, bem como se poderiam chutar a bola ou apenas se jogavam com as mãos. Sugeri aos estudantes que devido à quantidade de questões que apresentaram e o interesse demonstrado em entender o jogo, poderíamos sim, ao invés de ter como o tema futebol, direcionar nossos estudos para o rugby.

Como atividade para o próximo encontro sugeri aos estudantes que pesquisassem histórias sobre o rugby, sobre equipes, sobre seleções e sobre como o jogo era realizado. Sendo assim na aula seguinte os estudantes trouxeram materiais de internet, muitas pesquisas realizadas dessa maneira, além de foto de cartaz convidando meninas para jogar rugby no Cepeusp e um panfleto sobre treinamentos realizados por uma escola particular no bairro do Morumbi. Sobre a história os estudantes trouxeram uma versão quase que unanime, onde se contava que a federação de futebol teria excluído na Inglaterra o colégio Rugby para participar dos jogos, onde alteraram as regras da modalidade, sendo assim ao realizar os torneios sempre apresentavam que seriam na regra do futebol ou na regra do rugby, assim definindo a atividade.

Outras descobertas dos estudantes em relação à modalidade foram as diferenciações da modalidade rugby e do rugby 7 (o que interessou muito mais os estudantes, talvez pela viabilidade), a quantidade de seleções que disputavam a copa do mundo e a quantidade de vezes que as seleções, masculinas e femininas de rugby da Nova Zelândia sagraram-se campeãs em diferentes edições. Outra coisa que chamou a atenção dos estudantes foi à realização da dança de origem Maori realizada pela seleção da Nova Zelândia antes dos jogos.



Como desconhecíamos as regras do jogo uma das primeiras atividades propostas para os estudantes foi à vivência de um jogo como entendemos previamente sobre a sua realização. Dividimos a sala em dois grupos e assim fizemos um misto de futebol segurando a bola na mão e correndo, o que tornou o jogo muito mais divertido que futebol segundo os estudantes. Então sugeri nas aulas que se seguissem pesquisas sobre as regras para compreendermos melhor as regras e os fundamentos do jogo.



Nas aulas que se seguiram, descobrimos que os passes deveriam ser realizados com as mãos exclusivamente para trás, que para frente só era permitido com os pés. Um dos estudantes trouxe impresso de algum site, ações do jogo, que foram facilitando nossas vivências nas aulas. Cada aula que se seguiu um dos estudantes lia sobre a ação de jogo e tentávamos colocar em prática, assim aprendemos como fazer tackles, runs, scrum, elevador e os trys, o que chamaram como gol do rugby, decidimos que seria mais interessante realizar os jogos divididos entre meninos e meninas, sendo assim trabalhar o rugby 7.



À medida que as aulas seguiram os estudantes apropriaram-se da gestualidade e também buscaram outros desafios em relação a prática corporal, onde a necessidade de compreender melhor as ações de jogo fizeram com que entendessem os posicionamentos realizados no rugby 7, buscando informações sobre as posições e suas características, já que um dos estudantes disse que existiam jogadores gordos. Assim durante outras vivências testaram diferentes posicionamentos e funções para realizar o jogo. Nas descobertas identificaram que em algumas ações os jogadores precisavam de determinada estrutura corporal para realizar a ação, como ser elevado para a execução do elevador, para segurar os oponentes numa situação de scrum, ou para conseguir alcançar um lançamento ao ataque com os pés.



Com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o rugby e as relações da prática corporal na Nova Zelândia, questionamos a origem inglesa, a colonização e a resistência cultural do povo Maori, que ao entrar em campo para representar a seleção nacional tem como ritual a apresentação do Haka, como atividade didática apresentamos o documentário da SportTV, *Rugby: A história dos All Blacks*, onde os estudantes estabeleceram relações entre o futebol e o rugby, comparando o Brasil que entende o futebol como uma paixão nacional, onde as crianças ganham bolas de futebol dos pais o que também acontece no rugby da Nova Zelândia.

Durante a exibição do documentário, combinamos que para a atividade era permitido interromper e fazer comentários sobre o assunto, o que deveria ser registrado pelos estudantes e entregue no final como uma atividade de registro. Destacamos como comentários relevantes e muito pertinentes a presença do rugby nas escolas, não apenas como modalidade desportiva, mas como uma forma de constituir um valor identitário do povo neozelandês. Uma das ações que a federação nacional de rugby realiza nas escolas é a presença dos jogadores nas escolas para conversar com os estudantes. Também em encontros com familiares acontecem jogos como as “peladas” que ocorrem no Brasil. Esses pontos apresentados pelos estudantes estavam vinculados com as diferentes origens, mas que não associava a dança Maori, Haka.

Ao aprofundarmos os conhecimentos sobre a cultura Maori na Nova Zelândia, foi possível encontrar que os povos apesar da origem neozelandesa originalmente,

estavam espalhados por toda polinésia e Austrália, antes da colonização pela Inglaterra. “Assim como no Brasil, os índios da Nova Zelândia, chamados Aborígenes pelos europeus também foram em grande parte assassinados na colonização pra dominar as terras do país”. “No Brasil e na Nova Zelândia os índios têm suas danças, o Haka é mais famoso, mas era como se no futebol fizéssemos uma dança indígena antes de jogar futebol”.

Descobrimos pesquisando sobre o Haka que existem vários diferentes, os estudantes encontraram alguns com traduções diferentes, mas nas pesquisas descobriram que a seleção da Nova Zelândia faz um de guerra, denominado “Ka mate”, ao acessar a tradução, lida por um dos meninos mais extrovertido da turma gerou muitos risos, que posteriormente foram substituídos pela curiosidade de saber do que se tratava.

Ka mate

Tradução

Líder: *Ringa pakia!*

Coloquem as mãos contra as coxas!

Uma tiraha!

Estufem o peito!

Turi whatia!

Dobrem os joelhos!

Hope whai ake!

Façam o mesmo com o quadril!

Waewae takahia kia kino!

Batam os pés o mais forte que puderem!

Líder: *Ka mate, ka mate*

É a morte, é a morte!

Time: *Ka ora*

É a vida! (ou "Eu vivo!")

Líder: *Ka mate, ka mate*

É a morte, é a morte!

Time: *Ka ora*

É a vida! (ou "Eu vivo!")

Todos: *Tēnei te tangata pūhuru*

Este é o homem peludo...

Nāna i tiki mai whakawhiti te rā...

Que fez com que o sol brilhasse novamente para mim

Upane...Upane

Suba a escada, suba a escada

Upane Kaupane"

Suba até o topo

Whiti te rā,!

O sol brilha!

O “Ka mate” é realizado pelas seleções da Nova Zelândia, masculina e feminina, como preparação para a guerra, em reverência a um dos “desuses” da cultura Maori, o “homem peludo” seria esse guerreiro que ajudou o povo a se libertar da mão opressora. Os estudantes também encontraram outros Hakas, realizados em festas de aniversários, casamentos, enterros e pelo exército, com significados diferentes além de encontrarem também danças típicas realizadas em forma de apresentações com roupas características.

Durante a tematização algumas meninas da turma foram até o Cepeusp e assistiram alguns treinamentos das atléticas conversando com as meninas que treinavam, podendo constatar o crescimento da participação da prática corporal principalmente entre os universitários. Em uma das entrevistas realizadas pelas estudantes do 9º Ano (feita de forma espontânea, mesmo sem ter sugerido a atividade) uma das questões para as atletas universitárias era sobre esse crescimento, o que como resposta, obtiveram “O rugby está crescendo porque virou modalidade olímpica, quem assistir as olimpíadas esse ano vai ver o Rugby 7”.

Encerramos assistindo vídeos de algumas partidas de Rugby 7 realizadas no Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, onde aparentemente com o interesse de popularizar a prática corporal para o grande público, os jogos aconteceram no Estádio municipal do Pacaembu, na Arena Barueri e no Allianz Parque, onde descobrimos que assim como a da Nova Zelândia é conhecida como All Blacks por seu uniforme todo preto, a seleção brasileira de rugby é conhecida como Tupis e que algumas das meninas que foram entrevistadas no Cepeusp fazem parte da seleção brasileira, possibilitando ainda mais a ampliação do olhar dos estudantes a prática corporal.

